

Aprender a ler e escrever: o que pensam as crianças em processo de alfabetização

Renata Durães Domingues¹

Geisa Magela Veloso²

Alessandra Braga Costa³

INTRODUÇÃO

Imbuídos de crenças em circulação no mundo ocidental é possível afirmar que saber ler e escrever proporciona grandes poderes aos que se apropriaram dessa ferramenta. Através da leitura e da escrita temos a possibilidade de acessar mundos, pessoas e situações diversas e distantes, que não realizaríamos se não fosse por esse recurso. Portanto, através do ensinar a ler e escrever cumpre-se um objetivo fundamental da educação que é produzir e ampliar as possibilidades para desenvolver no ser humano todos os aspectos do seu comportamento: cognitivo, moral, social e afetivo.

O presente trabalho está inserido no contexto da educação, especificamente no campo de estudos sobre alfabetização e letramento, tendo a cultura escolar com objeto de estudo. A pesquisa, em andamento, tem por *lócus* uma escola pública periférica de Montes Claros, e tem por sujeitos investigados alunos de uma turma 2º ano de escolaridade, composta pelos mais fracos e com menor desempenho em termos de aprendizagem no 1º ano do ano letivo anterior. Ou seja, são alunos oriundos de 3 outras turmas, que não se alfabetizaram no 1º ano de escolaridade e integraram uma turma que demanda por atendimento especial e sistemático por parte da escola.

A pesquisa tem por objetivo identificar e analisar a relação existente entre o sucesso na alfabetização e a construção de expectativas positivas e significados para a aprender a ler e escrever. Isto é, pretende-se examinar a percepção dos meninos e meninas em relação ao significado da leitura e da escrita para sua vida no tempo atual, projetando

¹ Aluna do curso Pedagogia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). E-mail: renatadurães.stp@hotmail.com

² Doutora em Educação (FaE/UFMG). Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). E-mail: velosogeisa@gmail.com

³ Aluna do curso Pedagogia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). E-mail: le.bcosta@hotmail.com

expectativas para o tempo vindouro, de forma a perceber perspectivas e planos de vida idealizados, a partir da aprendizagem da leitura/escrita.

No contexto investigado procuramos construir respostas para algumas questões, dentre elas: Quais são as expectativas e concepções das crianças sobre a leitura? Quais são os fatores escolares e não escolares que estão associados às expectativas e sentimentos das crianças com dificuldades de alfabetização sobre seu próprio processo de aprender a ler e escrever? De que forma que a superação das dificuldades e a aquisição da leitura e da escrita modificam os sentimentos e sentidos atribuídos ao fato de saber ler e escrever? De que forma as práticas pedagógicas voltadas para a alfabetização e o letramento contribuem para a ampliação das expectativas sobre o valor social e individual da aprendizagem da leitura e da escrita.

Para construir respostas para essas questões foi realizada imersão no campo por meio de abordagem de natureza qualitativa, sendo que a coleta de dados aconteceu por meio de entrevistas individualizadas com as crianças, sujeitos da pesquisa. No processo de análise da realidade foram utilizados autores que discutem alfabetização e letramento. Nos consensos produzidos nesse campo de conhecimento, o termo alfabetização indica o sujeito que aprendeu a ler e escrever por apropriar-se das normas e convenções do sistema de escrita alfabética; entretanto o termo letramento, de acordo com Soares (1998), “é não só saber ler e escrever, mas também fazer uso competente e frequente da leitura e da escrita”, isto é, empregar a leitura e a escrita em suas relações sociais, a fim de alcançar diversos objetivos. Alfabetizar letrando implica, então, em ensinar a ler e escrever utilizando diferentes gêneros textuais e apoiando-se em situações sociais de uso da leitura e escrita. O que se espera é que a escola se constitua como espaço para alfabetização e letramento e que os pequenos sejam apresentados ao fabuloso e extraordinário mundo da leitura pela oferta dos mais variados tipos de textos, como os contos, as fábulas, os poemas, ou ainda as revistas, jornais, entre tantas outras possibilidades.

A pesquisa tem sido desenvolvida por uma abordagem qualitativa – enfoque que conglomeram múltiplos paradigmas seguindo uma perspectiva compreensiva e interpretativa da realidade e partindo do pressuposto de que as pessoas não agem de forma desinteressada e neutra. Conforme Alves-Mazzotti (1998), as pessoas são motivadas por suas crenças, percepções, sentimentos e valores, sendo que o seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não é dado a conhecer de modo imediato, sendo necessário estabelecer um movimento investigativo e interpretativo para ser desvelado.

Tal compreensão possibilitou a intervenção na realidade pela lógica da pesquisa-ação — modalidade de pesquisa que, conforme Thiollent (1986) contribui para organização de dados mais abrangentes, com uma disponibilidade maior de experimentação da situação real, onde o pesquisador intervém com consciência do que se pretende alterar ou observar. Dessa forma, o diagnóstico da realidade orientou a atuação na escola e encaminhou a produção de estratégias de ensino e formação docente, por meio de estudos, discussão e realização de oficinas de trabalho, visando arquitetar novos saberes e produzir possibilidades alternativas de atuação pedagógica.

A presente pesquisa constitui-se como desdobramento de pesquisa de Iniciação Científica realizada em 2010/2011, cujo projeto é denominado “aprender a ler e escrever: pesquisa educacional e ação pedagógica”, sendo que nesse projeto de pesquisa-ação foram realizados contatos semanais com as crianças e ainda construídas estratégias de trabalho, através da leitura de histórias e atividades leitura e escrita, visando, com isso, construir novos saberes e produzir diferentes crenças e expectativas sobre a importância do saber ler e escrever. Segundo Thiollent, “na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas”.

Sendo um trabalho que envolve professora e alunos, as fases da investigação e de interferência na realidade foram pautadas por critérios éticos, sendo assim despendido cuidado especial aos seus discursos, seus métodos, seus valores, seus sentimentos, suas percepções e interesses, buscando compreender e respeitar o seu estatuto e seu espaço, enquanto pessoas e sujeitos da pesquisa.

Os sujeitos pesquisados e a instituição participante deram seu consentimento livre e consentimento. No caso, como se trata de crianças, o consentimento foi dado pelas próprias crianças que manifestaram seu desejo de participarem das atividades, sendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por seus pais ou responsáveis legais. No processo de coleta de dados foram aplicadas entrevistas individualizadas com questões nas quais se pretendia constatar a percepção dos pequenos em relação ao significado da leitura e da escrita no momento presente, também projetando para o futuro, de forma a apreender suas expectativas e projetos de vida imaginados, a partir da aprendizagem da leitura/escrita.

Nesse sentido, diante do diagnóstico inicial das concepções infantis, foi realizada uma imersão diferenciada na sala de aula, a fim de identificar crenças e expectativas das crianças, procurando avaliar as causas que os leva a permanecerem atrelados a alguns aspectos da tradição escolar, ou seja, buscamos compreender as dificuldades que as crianças encontram em aprender a ler e escrever. Paralelo a isso, foram desenvolvidas atividades como objetivo de estimular a leitura, bem como o exercício de atividades escritas.

Nesse contexto das discussões sobre o aprender a ler e escrever é importante compreender que as crenças e expectativas de cada criança sobre a leitura e a escrita podem interferir no aprendizado das habilidades de ler e escrever. Com Graff (1997) há que se considerar que o mundo ocidental aposta na alfabetização e compreende o saber ler e escrever como condição para o progresso individual e social, por favorecer o desenvolvimento cognitivo, social e cultural das pessoas e impulsionar o desenvolvimento das sociedades. Considerando o mito produzido em torno da leitura/escrita, e relativizando o poder dessas habilidades, é necessário destacar a alfabetização e o letramento como importantes produtos da escolarização, sendo que diferentes sociedades, em distintas temporalidades, estabelecem clara associação entre educação e mudança cultural e social.

Nessa discussão, Enguita (1998) aponta que, nas décadas de 1960-70, diferentes países colocaram esperanças nas reformas educativas como elemento corretor das desigualdades sociais. No entanto, o autor compreende que a promessa cumpriu-se parcialmente, pois a educação permitiu que importantes minorias, ainda que individualmente, saíssem da marginalização e da pobreza. O autor entende ainda que, “se é que podemos dizer que a educação não seja especialmente eficaz para abrir portas, temos que acrescentar, como regra, que sua falta sim, pode fechá-las, especialmente para aqueles que não possuem outros recursos para abri-las” (1998, p.20).

Nesse contexto pode-se afirmar que a escolarização e o aprendizado da leitura e da escrita encontram-se correlacionadas e se apresentam como condição para educação, acesso ao mundo da cultura escrita e para a mudança cultural, a leitura dá condição de acesso a pessoas distantes e até mesmo a mundos que se não fosse pela leitura nem sequer existiriam. Daí pode-se inferir que as sociedades contemporâneas atribuem grande valor para as habilidades de leitura e escrita, sendo que as concepções, crenças e expectativas da criança podem interferir em seu aprendizado.

LEITURA E ESCRITA: O AFETO E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM

O desenvolvimento da pesquisa orientou-se pela crença de que a motivação e as expectativas das crianças exercem influência determinante em seus processos de aprendizagem, também permitindo compreender os processos de ensino que ocorrem no ambiente escolar e familiar.

Segundo Leite e Tassoni (2007), a dimensão afetiva é fator decisivo na aprendizagem. Numa perspectiva histórica, os autores consideram que, embora nunca tenha sido negada, a dimensão afetiva não tem sido considerada como elemento central nos processos de constituição humana, posto que o homem tenha sido cindido entre razão e emoção. Pela prevalência da razão sobre a emoção, os autores consideram que, no caso da alfabetização, o grande desafio é o de ensinar habilidades de ler e escrever e também favorecer que os alunos desenvolvam o gostar de ler, envolvendo-se com práticas sociais de leitura e escrita, o que implicaria em um trabalho pedagógico que considere as dimensões afetivas do processo de ensino e aprendizagem.

É fato inegável que aprender a ler e escrever é uma atividade simbólica. Sua aprendizagem depende que a criança compreenda a escrita como sistema de significação, em que os símbolos do código escrito são utilizados para representar a linguagem. No entanto, as construções não são meramente cognitivas, mas atravessadas pela dimensão afetiva inerente ao ser humano. Atualmente, a partir de pesquisas sobre a aprendizagem infantil, sabe-se que as crianças ao chegarem à escola possuem experiências e hipóteses construídas a respeito do que é ler e escrever e de sua função. Conforme Ferreiro e Teberosky (1979), essas construções seguem uma linha evolutiva e, nem sempre, correspondem ao sistema convencional de escrita, mas cumprem função importante no processo de aprendizagem da criança. Sendo assim, é necessário conhecer essas experiências e hipóteses e não descartá-las no processo de ensino-aprendizagem.

No contexto desse trabalho, reafirmamos a importância da afetividade para a aprendizagem e para as relações estabelecidas entre o aluno e o objeto de conhecimento. Smith (2003) considera que a linguagem falada é aprendida pelas crianças por que ela está acontecendo a sua volta, aprendem a falar por perceberem o sentido e significação da linguagem. O autor ainda afirma que “as crianças não deixarão de aprender qualquer coisa que lhes seja significativa, a menos que o aprendizado se torne demasiadamente

difícil ou custoso, em cujo caso o aprendizado se torna inútil”. No caso a leitura e a escrita, na medida em que, no tempo imediato, a criança produz significados para esse aprendizado, ela poderá projetar para si um conjunto de expectativas de progresso individual, encontrando motivos para aprender a ler e escrever e realizar investimentos nesse aprendizado.

A relação afetiva da criança com a leitura e a escrita em sua vida social deve ser estendida também ao âmbito escolar, visto que, a relação entre a criança e o professor tem implicações positivas ou negativas no processo de desenvolvimento do aluno. Isto significa dizer que as práticas pedagógicas permeadas pelas relações afetivas vivenciadas pelos alunos repercutem no sucesso de desenvolvimento cognitivo, cultural e social. Smith (2003) assegura que a leitura fluente não pode ser ensinada, mas que pode ser adquirida pelas crianças à medida que passem a compreender a sua importância e a utilizá-la no seu cotidiano. O autor ainda ressalta que a motivação, através de reforçadores como elogios sem propósito ou mesmo melhores notas não são recomendáveis como o mais acertado, “nada disto é necessário para que uma criança aprenda a linguagem falada. Toda satisfação que uma criança necessita está no próprio aprendizado, na utilidade e compreensão que deste resulta”.

A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA PARA A CONSTRUÇÃO DAS NOVAS CONCEPÇÕES INFANTIS

Ao discutir a ampla gama de concepções infantis sobre leitura e escrita, Smith (2003) assegura que toda criança é capaz de aprender a ler, já que o aprendizado da leitura não demanda nenhuma aptidão especial ou um desenvolvimento excepcional do cérebro. É necessário dar condições para que as crianças produzam sentido para as letras impressas, já que leitura é processo de construção de sentido para a linguagem escrita, ao invés de simplesmente decodificar as palavras. Todavia, o autor diz ainda que, “enquanto as crianças não veem sentido na palavra impressa, enquanto a consideram arbitrária ou absurda, não encontram razões para atentarem à escrita”.

Deste modo, todo o contato das crianças com a leitura e a escrita é essencial para suas construções, seja através de livros, revistas ou artigos deste tipo, ou nos produtos que consomem diariamente como bolachas, balas e as demais guloseimas que lhes atraem e estão repletos de informações escritas que podem nortear a compreensão da importância

da leitura. Nesse sentido, a entrada no universo da cultura escrita e as práticas sociais das quais os textos são objeto contribuem para que leitores e escritores infiram seu sentido. Quando aborda um texto, o aluno o faz a partir do conhecimento que acumulou sobre seus propósitos ou os motivos para os quais se lê ou se escreve, sobre os gêneros discursivos, sobre diferentes tipos de texto, sobre maneiras de ler. Toda experiência acumulada em torno da leitura, tanto individual como social, orienta a atribuição de significado para a leitura e possibilita que o aprendiz produza sentido para desejar aprender a ler e escrever.

Para Smith (2003) quando as crianças ainda não possuem habilidades de leitura, esta deve ser feita para elas. Para o autor, aprender a ler é processo individual e o aprendizado da leitura não é construído ou ensinado de modo explícito, mas deve ser demonstrado para os pequenos, quando envolvidos em situações onde a linguagem escrita produza sentido tentarão compreendê-la através de averiguação de suas hipóteses. Então é imprescindível assegurar as crianças ambientes significativos que colaborem em suas construções e oportunizem condições para que levantem hipóteses e que estas possam ser testadas.

No processo de pesquisa, buscando oferecer a esses meninos e meninas todas essas oportunidades, a cada semana levávamos uma nova história para ser lida para eles. Adotamos sempre o cuidado de selecionar histórias condizente com o nível de compreensão e interesse das crianças em questão. No início líamos sempre histórias construídas por estruturas textuais menos elaborados, com muitas imagens que pudessem ser exploradas ao longo da leitura e norteasse a construção de sentidos e favorecesse o desenvolvimento da trama, tornando mais facilitada a compreensão pelos pequenos.

Na medida em que as crianças foram ampliando suas condições de interpretação as histórias foram sendo substituídas por outras maiores, mais elaboradas, com ilustrações que não tivessem a intenção explícita de desvendar ou elucidar o que estava escrito nas frases que lhe acompanhavam. Pudemos observar o desenvolver dos meninos e meninas, já que no início os meninos assumiram uma postura menos participativa, alguns ouviam calados, outros estavam desatentos, e quando eram estimulados a pensar sobre o desfecho da história criavam hipóteses despropositadas, incoerentes, muitas vezes sem qualquer lógica diante do que estivesse sendo lido. No decorrer da pesquisa vimos verdadeiras mudanças, extremamente satisfeitas nos deparamos com meninos que nos surpreenderam, que acompanhavam cada página lida com atenção, curiosidade e com hipóteses coerentes e muitas vezes condizentes com o desenlace da história. O número de crianças que

expressava e aproveitava a oportunidade de expor sua ideia, sua opinião era sem dúvida maior do que no início do projeto, quando a maioria se sentia envergonhado em falar daquilo que pensava.

Alegramo-nos com o desenvolvimento das crianças já que elas se deram conta do valor da leitura como processo de produção de sentidos, e não mais se limitaram à mera decifração do texto. Entretanto, apesar de todo o trabalho e investimento, elas ainda não conseguem ouvir toda uma página lida em sequência e acompanhar o desenrolar da história. É necessário que a cada dois ou três parágrafos se faça uma intervenção, para que eles mesmos, através de suas hipóteses e estratégias, consigam perceber os fatos que entrelaçam o conto. Muitas vezes eram as próprias crianças que nos pediram para ler novamente um trecho que não ficou claro, o que nos mostra que elas compreenderam o sentido da leitura, perceberam que, se está escrito e não ficou claro podem ler quantas vezes forem necessárias, até que se compreenda.

No que se refere às atividades de escrita que, em geral, eram trabalhadas, pudemos notar que o desenvolvimento referente à leitura foi bem mais satisfatório, entretanto, muitos, talvez maioria, das crianças ainda esteja apegada à crença de que ler e escrever tem função específica no ambiente escolar, sem perceber sua importância na vida cotidiana.

Deste modo, durante a ação de pesquisa, foi avaliada a realidade educativa interagindo com os sujeitos pesquisados. Para finalizar o processo de pesquisa foi realizada uma nova entrevista, com os mesmos alunos, buscando constatar se as concepções dos meninos e meninas mudaram ao longo do período em que estivemos realizando o trabalho com eles, ou se não obtiveram grandes avanços. Ainda não tabulamos os dados obtidos, mas uma prévia dos mesmos nos permite acreditar que a maioria das crianças construiu o sentido do saber ler e escrever apesar de ainda não perceberem sua utilização efetiva em suas vidas cotidianas fora do ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES

Partindo da nossa interação nas vivências infantis com a leitura e a escrita no ambiente escolar pudemos perceber as distintas crenças e expectativas por parte de cada criança. No intuito de assegurar a compreensão dos textos por parte das crianças iniciamos a contação de histórias pela antecipação de sentidos, que se processa pela

exploração do título e autor do texto, pela leitura de imagens da capa, que possibilitam a socialização de significados, a motivação para ler e a definição dos objetivos para a leitura. A leitura é compreendida como processo de elaboração e confirmação de hipóteses, que se dá pela exploração das ilustrações das histórias e de outras pistas textuais apresentadas pelo autor.

No processo de pesquisa, essas atividades visam ao letramento e à construção de concepções e expectativas sobre o ato de ler. Com os dados coletados, apesar de ainda não terem sido tabulados, acreditamos que as crianças compreendem a leitura como processo de produção de sentidos, não se limitando à mera decifração do texto. No entanto, do ponto de vista de suas expectativas sobre o saber ler, a maioria das crianças ainda percebem a leitura como função quase que exclusiva do ambiente escolar, pensando na utilização da leitura para os fazeres escolares, sem conscientizar-se da importância ou do valor dessa habilidade para sua vida pessoal e social.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. O método das ciências sociais. In.: ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ENGUITA, Mariano F. O magistério numa sociedade em mudança. In. VEIGA, Ilma Passos Alencastro *et al.* (Org.). *Caminhos da profissionalização do magistério*. Campinas/SP, 1998.p.11-26.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *A Psicogênese da Língua Escrita*. Porto alegre: Artes Médicas, 1979.
- GRAFF, Harvey. *Os labirintos da alfabetização*. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- LEITE, Sergio Luiz da Silva; TASSONI, Elvira Cristina M. Afetividade e ensino. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). *Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade*. São Paulo: Autores Associados, 2007.
- SMITH, Frank. *Compreendendo a Leitura – uma análise psiconlínguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- SOARES, Magda. *Um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 2. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.
- TOLCHINSKY, Liliana. Ler e escrever na diversidade. In: PEREZ, Francisco Carvajal; GARCIA, Joaquim Ramos. (Org.). *Ensinar ou aprender a ler e escrever?* Porto Alegre: Artmed, 2001.p.137-144.